destacável - Jornal **Semanário**

Bilingue Português/Tétum

VÁRZEA DE LETRAS

Jornal Literário
do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e

Edição - 007 Directora - Urraca Corte Real Agosto - 2004

"Bele? Ha'u bele dehan istoria ida? Bele?"

OTÍLIA OLIVEIRA

Foi num fim de tarde ainda quente, com Loron no horizonte. O seu rosto irradiava muita alegria e um brilho que já lhe é habitual. A Dr. Otília Oliveira estava pronta para mais uma etapa importante, não apenas para si, mas, em particular, na escalada de contributos importantes para Timor-Leste. Foi no dia 29 de Junho, dia de S.Pedro e S.Paulo. O seu discurso, absolutamente fora do comum, contagiou o auditório do Liceu Francisco Machado com um toque de ternura e de magia…na mesma proporção...grande. Para que os nossos leitores não esqueçam de que sempre existiram meninas que gostaram de sonhar, o Várzea de Letras *publica, com a devida autorização da autora, o mais bonito trecho do discurso de abertura da cerimónia de lançamento da obra. Bons sonhos!*

"Qualquer nascimento é antecedido de um tempo de gestação. Terminado o tempo de gestação,
a Timor e a Portugal agradeço a oportunidade de estarmos juntos em torno do recém-nascido livro "A Língua Portuguesa e as Profissões".
Com a vossa licença - vou pôr de lado todas as formalidades - vou contar-vos uma história.
Bele? Ha'u bele dehan istória ida? Bele?
A história tem um título : ***Sândalo que perfuma o machado que o fere***
Há algum tempo atrás, nasceu uma menina, num país distante, para os lados do Sol - Poente, mesmo no lugar onde acaba um continente e o Atlântico começa.
A menina tinha os olhos pequeninos e redondos e projectava o olhar para os lados onde o Sol nascia, todas as manhãs.
A menina foi crescendo e um dia foi para a escola. Todos os dias ficava maravilhada com o que aprendia. Aprendeu o nome de rios, de mares e de altas montanhas. Aprendeu que O Ramelau era o monte mais alto do "Império". A menina não entendia, mas sonhava que, um dia, haveria de conhecer o Ramelau que ficava no outro lado do mundo, no ponto exacto onde o Sol nascia!...
Um dia, quando a menina já era adolescente, um amigo formulou um voto :
- Que sejas como sândalo que perfuma o machado que o fere.
- Sândalo? A menina perguntou.
- Sim, uma árvore que existe no país do Ramelau
- respondeu o amigo que sabia do seu amor por aquele país.
A menina cresceu, tornou-se professora.
Como também tinha um grande fascínio pelos espaços amplos, o Sol ardente e o ritmo contínuo do tambor - que ela pressentia, mesmo sem o ouvir - resolveu partir para a África úbere, luxuriante onde a força telúrica nos faz penetrar no âmago do Universo, fazendo-nos sentir pertença do Cosmos.
A menina partiu, pois, e chegou à Terra dos mil rios cuja água salgada os fazia confundir com o mar.
E a menina sonhou muito, amou bastante, foi feliz.
Mas, mesmo assim, lá da África onde vivia, ela continuava a olhar, todas as manhãs, para os lados do Sol-Nascente e continuava a sonhar com o Ramelau.
O Ramelau é o ponto mais alto de um pequeno país, agora independente, cuja bravura do povo há muito ultrapassou fronteiras.
O Ramelau... a Terra do sândalo...
E na sua memória ecoavam as palavras: Que sejas como sândalo que perfuma o machado que o fere!...
Um dia, a menina ouviu as notícias e ficou a saber que havia guerra no país do Ramelau. Havia gente bárbara que assassinava, indiscriminadamente, os donos da grande montanha. E eles , tal como o sândalo, perfumavam aqueles que os feriam.
Perante tais acontecimentos, todos os habitantes do país à beira do Atlântico, se uniram em favor da paz, numa atitude de solidariedade sem precedentes.
A menina chorou e prometeu a si mesma que um dia haveria de dar, mais de perto, o seu contributo mostrando como admirava aquele povo sofredor.
E assim foi. A menina deixou África e partiu para os lados do Sol- Nascente. Subiu o Ramelau e viu o nascer do Sol!
E todos os dias escutava, lá longe, na sua memória: Que sejas como sândalo que perfuma o machado que o fere.
No local, começou a compreender o que isso significava.
Como a menina é professora, todos os dias ensina umas coisas e aprende outras. É nesta reciprocidade do dar/receber que tenta viver o seu dia-a-dia.
A menina ainda está no país das altas montanhas e do sândalo. Escreveu um livro, a pensar no povo, sobretudo naqueles que aprendem uma profissão e também querem pertencer ao conjunto dos países que vêem o mundo com a ajuda da Língua Portuguesa, pois, segundo Vergílio Ferreira, escritor português, "uma língua é o lugar de onde se vê o mundo."
Mas... há uma coisa que a menina ainda não aprendeu. Sabem o que é?
A ser como sândalo que perfuma o machado que o fere.
Agora, decidiu, vai aprender.
Também querem aprender? É muito fácil: basta olhar o sândalo e residir em Timor Lorosa´e .
Mas... é preciso tempo, muito tempo.
Não , não é preciso inscrição. Só vontade e decisão!
Vamos aprender?!
Termino citando Novalis (1772-1801) "Não censures nada do que é humano; tudo é bom, embora não seja bom em todo o lado, nem sempre, nem para todos."
Aqui fica o meu modesto contributo. Possa ele ser útil àqueles a quem se destina!"

Loro-matan mosu

Haroman nakukun taka rai
Hafutar mundo nia tomak

Ó klosan
Ó duni mak loro matan
Ó duni mak masin
Ó moris folin boot tebes

Keta ta'uk lori ó moris ba oin
Barani hasoru buat ne'ebé sei mai
Keta hakiduk
Maibé hakat nafatin

Lori ó-nia matenek
Lori ó-nia laran kmaan
Suru mutuk, haburas
rai Timór

O Sol nascente
Ilumina a escuridão na terra
Embeleza as maravilhas do mundo
Para toda a humanidade

Tu Jovem
És a fonte do Sol
És o sal da terra
És o valor para toda a vida

Não tenhas medo vai em frente para
A frente
Coragem e enfrenta o que virá
Não recues
Mas, enfrenta para sempre

Com a tua inteligência
Com a tua boa vontade
Juntos para o desenvolvimento
Da terra de Timor

Por: Carla Lay Guterres, aluna das cadeiras de Literatura Portuguesa I e Literatura Timorense

Um tratado de poética e de poesia

ICHA BOSSA

"O texto que escreve tem de me dar a prova ***de que me deseja****. Essa prova existe: é a escrita. A escrita é isto: a ciência das fruições da linguagem, o seu kamasutra (desta ciência, existe um só tratado: a própria escrita.)"*
Roland Barthes
O Prazer do Texto

A escrita é uma relação de amor. Fazer com que o texto nos deseje, é um acto de sedução que o mesmo deve levar a cabo, para ser lido. Melhor ainda: para ser experimentado, sentido, amado até à exaustão. O seu meio de sedução, por excelência, é o da palavra. E o que acontece quando palavra e poesia se combinam, num misto de forma e conteúdo, de aparência e de essência? É o que Icha nos tentará explicar no seu breve tratado sobre a poiesis *– a arte de «poetar».*

A poesia é a arte da palavra. Só a da palavra mais bela, mais expressiva e mais difícil. Apenas a palavra, na arte, é que fala ao mesmo tempo da fantasia; fala à razão, ao sentimento e às paixões. Só a palavra permanece na nossa cabeça, juntamente com o nosso sentimento, pensamento, ansiedade, desejo, imaginação, real-irreal, certeza-incerteza e o sentimento estético. Apenas a palavra pode desenhar e colorir figuras e enganar a vida intelectual – é comovedora, persuasiva, encadeia na sua lira mágica estas feras humanas ou desumanas, que se chamam homens. Através destes tipos de composição, acima enumerados, encontram-se reunidas algumas compilações que, no seu conjunto, constituem a poesia.
A poesia debruça-se sobre aqueles tipos referidos. Expressa-se, porém, de maneiras, significados e estados de espírito diferentes.
A poesia obedece, também, a um tipo particular de submissão daquele que não pode confessar o seu amor publicamente e, muito menos, divulgar a obra poética sob ortonímia, anonímia ou pseudonímia.
A nível formal, a poesia traduz uma forma ou estrutura externa. Esta estrutura tem categorias literárias e obedece a estruturas convencionais de produção: a estrutura estrófica – conjunto de versos. Cada estrofe pode constituir-se por dois versos (dístico), pode ser uma nona, se tiver nove versos ou uma décima, se apresentar dez. Se possuir mais de dez versos, é uma composição irregular. A poesia pode apresentar, também, uma estrutura métrica, apreensível através da *escansão* – a contagem de sílabas métricas por verso. Esta forma é muito utilizada na poesia portuguesa. As sílabas métricas nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais – contam-se até à última sílaba tónica; quanto à estrutura rimática: numeram-se os versos e faz-se correspondê-los às letras do alfabeto, ordenadamente, cada verso, repetindo a letra consoante se encontre uma correspondência de som, ou seja, a rima.
Dentro da poesia encontramos, também, as figuras de estilo ou estilísticas. Cada figura de estilo tem diversos significados, representativos na literatura e profundamente alinhados ideologicamente.

A poesia é a arte da palavra. Habita os nossos corações e ensina-nos a amar as palavras: porque as palavras são Pátria nunca ocupada e sempre maternais. É a única pátria que alguns podem experimentar, quando lhes são negados os espaços dilatados da liberdade e da vida.
As palavras, a poesia na literatura, são como a saliva que se deita fora e jamais se recupera.

Ainda

Ah, não!
Não e não e não.

Ninguém ouse tentar,
lá do alto do seu poleiro
logros ou falinhas mansas.

Crista alta, esporão em riste,
este galo não sai do terreiro,
e o combate só termina
(se terminar...)
quando os cães se forem
e o chão for nosso.

Viva Timor-Leste!

Afonso Busa Metan

in *"Em português vos amamos – Poemas e lendas"* - colectânea publicada em Bruxelas, em 1999, pela organização não-governamental de solidariedade *SOS Timor*

O Várzea de Letras *continua a apresentar, prazenteiramente, os contos de Ana Cristina Luz. Histórias que nos fazem sonhar, lembrar-nos dos tempos de criança. Ainda uma vantagem subsiste: a de os contos serem baseados em Timor Lorosa'e e, por isso, tornar a sua leitura mais aliciante. Deixamos-vos, assim, uma agradável surpresa: um remate de amigo na vossa leitura. Bom jogo!*

Um remate de amigo

Era uma vez um menino que adorava jogar à bola. Era muito habilidoso, conhecia todas as tácticas, ninguém o batia na finta e tinha um remate tão forte que parecia poder furar uma baliza. Bem, ao que se sabe ele nunca rebentou com uma rede, mas uma vizinha ainda não se esqueceu do susto que apanhou uma bela tarde em que uma bola lhe entrou pela sala adentro e acertou em cheio num enorme jarrão, partindo-o em mil pedacinhos. Só não se zangou com o nosso menino, autor do valente remate, porque detestava o jarro de loiça. Aliás, ficou tão contente por se ver livre de um objecto tão feio que até lhe pagou um gelado.
Mas este menino também sabia passar a bola quando era preciso. Não se punha à procura do golo de qualquer maneira. Preferia passá-la a um jogador em melhor posição que ele. Achava que em primeiro lugar estava a equipa e não importava quem marcava golos. Conhecia muito bem os seus colegas, era amigo de todos e sabia dar-lhes bons conselhos.
Sempre que tinha tempo, depois das aulas ou ao fim de semana, lá ia ele ter com os seus companheiros para jogar futebol. Achava que tinha que treinar muito para ser cada vez melhor. O seu sonho era um dia entrar para uma grande equipa.
O seu único problema eram os dias de chuva. Habituado a jogar ao ar livre, sempre que o tempo piorava lá tinha que ficar em casa sem poder treinar. Como ele desejava viver num país onde nunca chovesse e fizesse sempre sol!
Um dia caiu sobre a terra uma chuva tão forte, tão intensa que parecia nunca mais ter fim. O nosso menino achou que era chegada a hora de partir para outro lugar. Tinha ouvido falar de um país muito distante onde fazia sempre calor e em que a chuva até era bem vinda para refrescar um pouco. Além disso, nesse país viviam muitos meninos que, tal como ele, gostavam de jogar.
Pegou na sua bola de futebol, pensou com toda a força que tinha e partiu. Não apanhou o avião ou o comboio, nem tão pouco um barco, para fazer esta viagem. Desejou muito poder partir e lá foi ele rumo a Timor, pois era deste país que se tratava.
Ao verem-no chegar assim do nada, os meninos acharam muito estranho. A princípio, ficaram desconfiados e não se aproximaram. Ele era até muito diferente deles. Louro e muito claro, tinha uns olhos azuis enormes que olhavam para tudo com muito interesse. Mantiveram-se afastados para verem o que ele iria fazer.
Mas quando olharam para a bola de futebol que trazia consigo, foram-se chegando um a um, curiosos.
O menino pegou na bola, deu uns toques com o joelho e chutou-a com precisão para o menino que estava mais próximo. Este apanhou-a com o peito, deixou-a cair e devolveu-lha com um sorriso.
Os olhos auzis do menino brilharam de felicidade. Acabara de ser aceite por aquelas crianças timorenses. Apanhou a bola, aproximou-se do grupo e depois de se apresentarem, formaram duas equipas e começaram logo a jogar.
Correu toda a ilha para participar em jogos de futebol. Depressa se tornou conhecido de todos os meninos que com ele queriam jogar. Tinha muita paciência para ensinar os mais pequeninos e aconselhar os mais crescidos sobre a melhor táctica a adoptar ou sobre a forma mais correcta de rematar.
Por vezes tinha saudades dos amigos que deixara no seu país. Mas descobriu que bastava pensar neles com toda a força para sentir que estava de novo na sua companhia.
O nosso menino vive agora naquela ilha distante. Passa a vida a jogar à bola, aquilo que ele mais gostava de fazer. E sabe que enquanto houver meninos nunca deixará de jogar com eles.
E quando começa a chover, corre com os seus companheiros pelo mar adentro, pois descobriu que não há nada melhor do que um bom banho debaixo de chuva.
Nada, a não ser jogar à bola, claro.

Botas de borracha

Dentro das tuas botas de borracha fizeram teus pés calo
e ferida,
mas também desenharam o mapa da tua terra timor
e sentiram o formigueiro que precede o combate.

Não importa por isso se às vezes quiseste que as botas
tivessem asas,
quando o coração disparava e rezavas alto para que as
munições continuassem a assobiar-te aos ouvidos
em vez de te perfurarem o corpo magro.

Quando agora descansas oculto no matagal
sorris pensando que um dia irás oferecer as botas a um
museu.

in "*Em português vos amamos – Poemas e lendas*" - colectânea publicada em Bruxelas, em 1999, pela organização não-governamental de solidariedade *SOS Timor*

Avô Crocodilo

– Crocodilo à solta III

Aproveitamos a oportunidade para testar a memória dos nossos leitores. Na edição do Várzea de Letras *do mês de Junho, publicou-se, a propósito do estudo do conto de Luís Cardoso* O Crocodilo fez-se Ilha, *nas aulas de Literatura Timorense, a continuação da história de Títi, a antepassada mítica (ficcional) de Timor. Criou-se uma variante. É como a literatura tradicional apresenta, de uma maneira geral, uma sucessão de variantes, registos memoriais e orais de histórias,* ***Francisco Viana*** *deixa-nos o seu testemunho escrito do que poderia ser uma continuação do conto de Luís Cardoso. Boa leitura!*

Timor é a terra onde o «Sol nasce e vê primeiro», nas palavras pintadas de *Os Lusíadas* de Camões, o poeta português de talento e arte.
A história de Timor anda de boca em boca do seu povo valente e guerreiro, desde o tempo em que as pedras e os animais ainda falavam; precisamente até ao momento em que estou a juntar palavras para dar luz à sua geração, através de lendas e contos da desta verde terra.
Era uma vez um crocodilo, esfomeado e fraco, que saiu da sua lagoa coberta de sombra das árvores frondosas de gondoeiros. O Sol estava alto e os seus raios espalhavam calor e secura por toda a terra.
Em busca de comida, como de costume, o crocodilo ajeitava-se e acomodava-se nas encruzilhadas e esquinas, onde passavam animais e répteis no campo árido e queimado, de areia escaldante, à procura de água que a sua garganta refrescasse.
Porém, a sorte não lhe permitiu valer-se de encontrar o que comer na vida de outrém e o crocodilo tão fraco se sentia que, até para afugentar as moscas, a sua cauda não podia mexer. O corpo todo tremia de fraqueza. Enquanto pensava na morte, passou por ali um rapaz que dele se compadeceu. Como o crocodilo era pequeno, o rapaz não hesitou em levá-lo até à água do mar, que reflectia o disco dourado do Sol. O crocodilo ficou muito contente e agradecido, prometendo ser amigo do rapaz.
"– Daqui em diante tu e eu somos amigos e eu vou levar-te a ver o mar", disse o crocodilo.
O rapaz, que estava desejoso de ver o disco dourado e vermelho do Sol, pediu que o crocodilo o levasse a encontrá-lo. Assim, pulou para o dorso do crocodilo e juntos viajaram em direcção ao oriente. Após dias e noites de viagem, pararam no meio do oceano sereno e pacífico, em frente do disco dourado e vermelho, a crescer do fundo do mar, numa manhã de Sol nascente, num horizonte claro de raios brilhantes e cintilantes.
O crocodilo foi perdendo forças, por causa da velhice. Sentia as patas transformarem-se em rochas e na sua crosta erguerem-se montanhas e florestas, onde abundavam sândalo e mel, riqueza da nossa terra.
Quando se aproximava o momento em que "a vida acaba e a morte começa", saiu uma voz das entranhas do crocodilo, dizendo:
" – Em breve vou morrer. Tu vais pelo mato, dentro da ilha, e encontrarás uma princesa com quem casarás. A tua geração será como as areias do mar e as estrelas do céu. Em paga da tua ajuda, tu e os teus descendentes poderão comer a minha carne."
O crocodilo morreu e o rapaz foi viver para o mato. Todos os dias extraía cera e mel, guardando-os nos bambus. Para se alimentar, ele mesmo fazia a sua comida. Um dia, no entanto, encontrou o almoço já pronto. Desconfiando de que alguém lho tinha preparado, resolveu procurá-lo.
Fingindo ir para o mato, escondeu-se atrás de uma árvore e espreitou. Viu uma rapariga sair de um dos bambus onde estavam a cera e o mel. Ela foi para a cozinha e preparou o almoço, como de costume. Quando a menina regressava, o rapaz apanhou-a em flagrante. Ela não teve tempo de se transformar novamente em cera e mel. Chorou muito e pediu perdão ao rapaz mas este lembrou-se das palavras do seu amigo crocodilo, dizendo-lhe:
" – Eu vivo sozinho nesta terra. Daqui em diante és a minha companheira e tornaremos esta terra nossa para sempre."
Assim, casaram-se, Lemorai e Bui Titi, e os seus descendentes encheram Timor Lorosa'e como as areias do mar e as estrelas do céu. Que se cumpra o que tinha dito, há milénios, o nosso Avô Crocodilo.

Dote – *quantia em dinheiro ou conjunto de bens que se recebe ou se dá por força de um contrato nupcial ou para entrar para um convento ou ordem religiosa.*[1]
Dote (direito civil) *– designação dada ao conjunto de bens levados pela mulher para o casal ou doados a esta pelo marido ou por terceiro, caracterizados pela sua inalienabilidade e imprescritibilidade durante a vivência do casamento, quando este tivesse sido celebrado em regime dotal.*[2]

A questão do dote discute-se a vários níveis: judicial, cultural e social, antropológico mas, particularmente, a nível individual quando, dentro do dote, questões como a diginidade de ambas, de de apenas uma das partes envolvidas, entram em discussão. O dote: positivo, negativo, factor de regulação? É melhor que cada um de nós reflicta sobre o assunto, uma vez que as respostas jamais serão consensuais. Aqui fica, para os nossos leitores, a opinião de ***Maria Joana Barbosa***, aluna da cadeira de Literatura Timorense.

[1] - In: *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa/Verbo, 2001.
[2] - In: Prata, Ana - *Dicionário Jurídico*. Coimbra, Almedina, 1999, p. 402.

O BARLAQUE

O barlaque é um costume de troca de bens, feito pelo povo timorense, nas cerimónias de casamento e também de enterro. É um aspecto muito próprio da cultura timorense, que vem dos antepassados. É um acto de troca de bens entre as famílias do noivo e da noiva.
Tem-se a impressão de que é algo positivo uma vez que, na troca de bens, existe um equilíbrio de valores, em quantidade e qualidade. Assim, se uma das partes traz búfalos para a cerimónia do casamento e enterro, deve receber, em retorno, tais e suínos. Os artigos utilizados nas cerimónias «barlaqueadas» são: belae, caebane, mortein, suric ou uma espada.
Diz-se que o Barlaque é bom porque cria uma disciplina hierárquica entre os familiares, fomentando o respeito mútuo. Actualmente, o barlaque constitui o peso de um acto cultural na sociedade da vida, nele persistindo uma inconsistência na determinação do valor do Barlaque. Por exemplo, o número de búfalos ou outros artigos variam aumentativamente e não têm um número determinado – dou, novamente, como exemplo, o barlaque dos casamentos de Maubara.
Numa primeira fase, os parentes do noivo vão a casa dos pais da noiva, para comunicar que os dois estão a namorar. Na segunda fase, os pais da rapariga marcam a data do encontro para se falar do pedido oficial e, ao mesmo tempo, para discutir sobre a troca de bens. Posteriormente, os pais do noivo reúnem-se com os da noiva para que se proceda à entrega dos bens. A rapariga pode ser levada a casa dos pais do rapaz.
O barlaque comporta aspectos positivos e negativos. Positivamente, eleva a dignidade da mulher timorense, relativamente ao grau de parentesco. Negativamente, pode levar a que a mulher seja considerada como um objecto de compra e venda – é a troca da sua dignidade por bens materiais.

Realizmu animista

Parte husi livru "***Lueji – O Nascimento de um Império***" (Publicações Dom Quixote, edisaun datoluk, 1997, pájina 451-456) husi hakerek-na'in angolanu **Pepetela**. Tradusaun husi **João Paulo T. Esperança** no **Icha Meiliana Bossa**

Pepetela

Liutiha vitória ne'ebá, sira bá bár iha dalan sikun atu festeja tanba sira hatene loos ona katak la'ós de'it kadeira liurai nian iha Lunda maka salva maibé mós sira-nia espetákulu. Diretora hateten ohin ha'u maka selu no sira hotu basa liman. Lu ho Cândido tuur besik malu hela, tuir fali Jaime ho Olga, depois Diretora ho sira seluk. Falta Afonso Mabiala, maibé loron balu tiha ona nia lakon, maski nia dehan mai ha'u katak ohin nia sei mosu mai duni, atu selu osan ne'ebé nia tusan mai ha'u. No nia tusan barak, bár nia na'in konta segredu ba bailarinu sira, nia hemu no mii, hemu no mii, hemu no mii. Iha klaran nia kompoin múzika balu.

- Keta ta'uk – Jaime dehan. – Nia sei simu barak agora.

- Ha'u hein katak nia sei la gasta hotu molok nia selu ha'u.

- Ita tenke fó deskulpa ba matenek-na'in sira – Lu dehan.

- Entaun ha'u la fó deskulpa ba nia? – bár nia na'in husu. – To'o ha'u husik nia toba iha kotuk ne'ebá bainhira nia la bele ona fila ba uma… No ha'u dehan ba imi de'it, nia matenek hanesan jéniu duni. Ha'u besik atu tanis bainhira rona ninia múzika sira.

Nia ba foti serveja no kafé sira, no Diretora aproveita pauza ne'e atu ko'alia:

- Ita bele dehan espetákulu prontu ona. Semana ida tan atu halo kabeer de'it no tuir mai ensaiu jerál. Ah, se ha'u hatene uluk karik, ha'u sei la kaer knaar ne'e, imi haree to'ok oinsá maka ha'u-nia isin tun.

- Husik bá – Jaime hateten. – Tebes, Ita gosta duni. No Ita di'ak liu krekas hanesan ne'e. Ita-Boot nia katuas-oan maka bele dehan.

- Ida-ne'e fó susar mai ita – dehan Diretora, no hatudu ba Cândido. – Molok ita foin bele deskobre problema, ha'u kuaze lakon neon.

- Buat ida ne'ebé ladi'ak maka imi la koñese ema-kuvale[1] sira, imi hatene de'it ami-nia naran. Ami ema independente, hori uluk hori wa'in ami hanesan ne'e. Atu bele ukun ami, só liuhosi masakre. No ami moris fila fali. Hanu'usá imi hakarak dadur kuvale ida ho imi-nia markasaun sira? Obriga ha'u halo pirueta ida bainhira ha'u haree duni katak tuir loloos ha'u tenke haksoit! Ikus liu imi komprende.

- Ida tan atu aumenta tribu anarkista sira-nian – Jaime dada iis maka'as. – Oinsá maka imi hakarak harii nasaun ida ho ida-idak halo hela konforme nia hakarak no la liga ba koletivu, ba regra sekulár no lulik sira?

- Ami iha-ne'e la harii nasaun ida – Lu dehan. – Arte lalika harii nasaun, só tenke leno nasaun.

- Fraze kle'an – Jaime dehan. – Kala laloos, maibé sé mak liga? No ha'u mós hanoin hanesan ne'e. Ó la komprende ironia ne'e, Lu. Ha'u-nia intensaun atu hu'an dogma sira, *un, deux, foueté, un, deux, trois, quatre, plié…*

- Ha'u hatene, Jaime. Tanba ne'e maka ó tuir korrente realizmu animista nian…

- Sin. Azár maka ha'u la halo buat ida atu sai banati. No seidauk mosu kakutak ida atu halo teoria ruma kona-ba korrente ne'e. Só iha de'it nia naran no nia realidade. Maibé bailadu ida-ne'e tomak realizmu animista, husi hun to'o rohan. Ita espera katak krítiku sira sei rekoñese ne'e.

- Istória saida mak ne'e? – Cândido husu.

- Jaime dehan katak estétika ida de'it ne'ebé di'ak ba ita maka realizmu animista – Lu esplika. – Hanesan iha tiha ona realizmu no neorealizmu, realizmu sosialista no realizmu fantástiku, no realizmu oioin tan.

- Hmmm, maizomenus ha'u haree ona – Cândido dehan.

- Ne'e di'ak – Jaime dehan. – Tanba dala ruma ha'u la haree. Maibé buat ne'ebé ita halo daudaun ne'e realizmu animista la iha dúvida ida. No se ita hetan susesu ne'e ita tenke agradese ba biru ne'ebé Lu tara iha kakorok. Nia lakohi atu konta istória, maibé nia la bele nega katak ne'e biru ida.

- Loos duni – Lu dehan, lailais tebes. – Maibé se ha'u konta karik nia sei lakon nia kbiit.

- Keta beik! – Cândido dehan. – Se espetákulu ne'e sai di'ak, ne'e tanba imi hotu iha kapasidade no enerjia ne'ebé to'o agora imi seidauk hatene. No imi fiar imi-nia an. Vontade, vontade maka'as, ne'e maka fekit.

katak ne'e haraik an demais?

- Anarkista no materialista! – Jaime dehan. – Imi haree saida maka ita hetan iha rifa? No hakfodak bá, nia mai husi rai-maran fuik, ne'ebé la iha buat ida ema halo la ho serimónia lulik ruma.

- Ó halimar hela no ha'u ko'alia sériu, Jaime.

- Rona, Cândido – Lu korta tiha. – Ha'u mós la fiar… uluk ha'u la fiar, agora ha'u la hatene ona… Tebes maka buat hotu hahú sai di'ak liu. Ka kuaze buat hotu-hotu…

- Nia fó fiar-an ba ó, mak ne'e de'it. Bainhira ita fiar katak ita konsege halo buat ruma, ne'e hanesan ita la'o tiha ona to'o dalan klaran. Maibé karau-baka inan ida sei la bele hahoris leaun ida, maski ó tara biru barak iha ninia kakorok.

Bailarinu ida ne'ebé mai husi Dundu husu ho respeitu atu ko'alia, foti liman, Ita-Boot sira fó lisensa? Sira hotu hateke ba nia, atu husik nia ko'alia.

- Ha'u boot liu imi. No haree tiha ona buat barak. Liuliu iha Lunda, ne'ebé rain mistériu nian… Ita labele duvida. No biru ida-ne'e ha'u koñese, ne'e ferik no katuas sira-nian, loos ka lae?

- Loos – Lu dehan.

- Ida-ne'e maka'as liu.

- Afinál – Cândido korta. – Imi haka'as an kleur hanesan ne'e, luta hasoru buat hotu-hotu no ema hotu-hotu no agora imi fó-méritu ka agradese de'it ba ai pedasuk ida. Imi la hanoin

- Oh, karau-baka sira mós tenke temi – Jaime dehan. – Se lae la'ós ema-kuvale ida.

- Ida-idak uza ezemplu ne'ebé nia hatene. Deskulpa se ha'u ladún hatene kona-ba sasán sidade nian. Ha'u ema ne'ebé hakiak karau, maibé ha'u la fiar majia hirak ne'ebé imi temi barak. Ha'u-nia eskola to'o ona atu bele komprende buat sira nia hun.

- OK, OK, keta hirus, ida-idak hela ho ninia fiar. Maibé katak só realizmu animista de'it maka bele konta istória Lueji nian, ne'e ó labele nega.

- Fiar-bosok! – Cândido murmura, hanesan atu hirus ona.

Lu kaer nia liman iha meza leten, kalma, buat hirak-ne'e lalika diskute, ita nunka sei to'o ba nia rohan. Depois nia hasai nia liman, tanba sira seluk hotu hateke ba sira, hakfodak hela. Lu ladún toman halo jestu hamaus ho estima hanesan ne'e ba nia belun sira, iha buat ruma karik! Lae, lae ida, ne'e jestu ida ne'ebé nia halo de'it la hanoin buat seluk. Maski hanesan ne'e, ne'e halo Jaime hanoin.

- Dekualkér maneira, agora bainhira buat hotu-hotu la'o di'ak hela, Lu, keta soe biru ne'e – Diretora dehan. – La iha ema ida fiar buat ne'e, maibé mós sei la halo aat ba ó. Lenuk matenek mate bainhira nia katuas ona…

- La halo aat! – Cândido dehan. – Imi la komprende. Tebes duni, ema-sidade sira la para halo ha'u hakfodak. Imi hela iha sidade-boot no iha-ne'e mosu ema husi rain hotu-hotu iha mundu, imi haree sinema no televizaun husi fatin hotu-hotu. Tuir loloos imi tenke iha hanoin sientífiku, liuliu tanba falta de'it fulan balu ba tinan rihun rua. Maibé afinál imi hakarak ke'e-sai fali fiar atrazadu de'it…

- Ke'e-sai fali? – Olga ko'alia ba dala uluk. – Fiar hirak-ne'e iha-ne'e hela, hanu'usá "ke'e-sai fali"?

- Sin, ó dehan loos duni – Cândido hatán. – Ke'e-sai ne'e liafuan laloos. Imi hakarak haberan fiar hirak-ne'e, hanesan ne'e di'ak liu tan. Relijiaun sira só kesi ema. Imi seidauk ba foho, loos ka lae? Ne'e duni, imi la hatene buat hirak ne'ebé ema halo tanba fiar no relijiaun sira-ne'e. Ema labele halo buat ida hasoru natureza, sira husik natureza hanehan sira, la iha buat ida atu sira bele halo, rain-na'in no mate-klamar de'it maka hatene sei udan ka lae, rai-maran fuik sai luan liu tan no karau sira mate, rain-na'in ka mate-klamar sira maka hakarak hanesan ne'e tanba ema ruma halo sala hasoru sira. No obras ne'ebé presiza hodi hadi'a situasaun ema la halo, no ema kontinua nu'udar atan ba natureza ka ba ema sira seluk ne'ebé kbiit boot liu. Sira-ne'e maka defende tradisaun ba buat hotu-hotu atu kontinua hanesan ne'e de'it nafatin no sira bele rai ka haberan sira-nia kbiit iha sosiedade nia leten. Ne'e la'ós teoria, ne'e akontese iha ne'ebé iha ha'u-nia rejiaun. No iha fatin seluseluk. No ha'u mai iha Luanda, ne'ebé tuir loloos iha-ne'e maka tenke mosu ideia hirak ne'ebé avansadu liu, no afinál saida maka ha'u haree? Intelektuál sira, artista sira, hamulak ba maromak oioin ka tara biru iha sira-nia kakorok. No lakon sira-nia fiar-an, lakon mós sira-nia domin ba an rasik, haraik an ba rain-na'in sira. La di'ak liu!

La iha ema ida hatán. Nia liafuan hatudu nia laran-kraik, ko'alia ho jeitu sériu maibé la hirus. Sira la hakfodak, sira hanoin de'it. Cândido kontinua:

- Bailadu ne'e di'ak tanba imi tau hamutuk vontade no talentu la hanesan baibain. Imi mesak di'ak de'it no imi halo buat furak ida mosu. Keta hamenus folin husi imi-nia knaar. Husik bá ema seluk hatun imi-nia folin, tanba razaun aat oioin ne'ebé ita hotu hatene. Keta imi rasik maka haree buat ladi'ak iha imi-nia oan.

- Tanbasá maka ó tau ó-nia an iha li'ur? – Lu husu.

- Tanba ha'u sa'e komboiu bainhira nia la'o hela ona. Méritu imi-nian. Ha'u la halo buat ida…

- Ó haburas loos. Ó hasa'e folin ba buat ne'ebé ami tau ona.

- OK! Ha'u hasa'e hela folin. Ita hotu hasa'e hela folin. La'ós kriatura sobrenaturál ruma maka ajuda ita, ne'e maka ha'u hakarak imi atu komprende.

- Konserteza la'ós – Diretora dehan. – Loloos, ami hatene. Maibé hanoin katak fitun sira-nia pozisaun ka rain-na'in sira-nia tulun di'ak ba ita haberan ita-nia fiar-an no halo buat hotu-hotu sai di'ak liu tan, tanba ita halo ho neon-metin. Mak ne'e de'it.

- Ne'e kontinua nafatin fó fatin ba fiar-bosok.

- Se ami fó-sai buat hirak-ne'e iha entrevista

ida, entaun ne'e loos – Jaime dehan. – Maibé ne'e iha ita-nia leet de'it. Ne'e hanesan kumplisidade koletiva, halimar uitoan, ne'ebé hametin unidade ka koezaun iha grupu laran.

- Halimar uitoan? Imi halimar hela bainhira imi tau sanan ida ho bee iha odamatan kotuk, bainhira imi atu treina?

- Oh, ne'e ba mate-klamar aat sira la bele tama liu odamatan – Jaime dehan, no hamnasa maka'as. – Ne'e maka di'ak liu se ema nia aman xeku ne'ebá halo bainhira uluk ita halo ensaiu ba "*Cahama*". Tanba ne'e maka ita la susesu…

Cândido hamriik husi meza, agora nia nervozu. Nia lian sai kro'at, nia haree duni hanesan ema-kuvale ida komanda hela atake ida:

- Ho imi maka ha'u la bele ko'alia.

Nia atu sai maibé Lu kaer fila fali nia liman, hein, ó sei la la'o ho ami ba uma? Ó-nia otél besik ami-nia fatin. Grupu tomak hamriik husi meza, sira fahe malu iha grupu oioin, lakon iha kalan ho mahobeen ne'ebé monu hela ona iha sidade leten. Cândido akompaña Lu no Olga. Durante tempu balu sira nonook de'it. Lu hanoin hela kona-ba forsa ne'ebé mosu-sai husi nia parseiru nia karater. Ulun-toos, neon-na'in, kala dogmátiku, nia mós hotu? Fasil atu haree katak nia iha ninia povu nia neon-metin duni, sé mak la hatene kuvale sira-nia aten-barani ne'ebé nunka lakon neon, sira sempre foti ulun hasoru opresaun sira hotu, ho orgullu ho sira-nia karau no sira-nia *onganda* [lutu ba defeza ne'ebé hale'u liurai nia uma no nia feen sira-nian]? Maibé Cândido mós hatene sai laran-luak no estimadór, hanesan Ilunga. Nia hanesan Ilunga kahur ho Tchinguri? Uluk nia mós hanoin tiha ona hanesan ne'e kona-ba Uli, maibé iha momentu ne'ebá nia hanoin sala, Uli la neon-na'in hanesan Tchinguri. Cândido, sin, nia maka sínteze. Ne'e signifika saida mai ha'u? Nia nega atu hanoin ba dook tan no nia dehan:

- Ó mai han-kalan ho ami. Olga sei prepara buat ruma gostu, ne'e ka, Olga?

Cândido aseita no sira tama iha uma-andár, ne'ebé nia eskada iha nakukun laran hela dala ida tan.

- Iha ne'e sei nunka iha ahi – Olga murmura.

- Maibé tanbasá? – Cândido husu.

- Dala ida-idak ne'ebé ita tau ahi-oan foun, ema ruma na'ok tiha. Ahi-oan sei kuran nafatin iha sidade.

Sira sa'e eskada lamas-lamas ba parede. No Olga bá prepara tiha hahán-kalan. Cândido aproveita atu ko'alia:

- Ha'u lakohi fila fali ba asuntu ohin nian, maibé la di'ak liu, Lu. Imi halo ha'u laran-kraik. Imi halimar ho buat hirak-ne'e, balu halimar, balu lae, maibé sira dehan sira mós halimar… No imi la haree ba konsekuénsia sira. Imajina bailarinu sira ne'ebé mai husi Lunda. Sira la eskola-boot hanesan imi. Sira fiar duni ba fekit. No sira sei dehan saida bainhira sira fila fali ba sira-nia rain? Artista sira husi sidade mós fiar. Sira to'o atu tau sanan ho bee hodi hadook rain-na'in no mate-klamar sira. Ida-ne'e sei haberan sira-nia fiar-bosok no sei fó argumentu ida maka'as loos ba sira hodi konvense sira-nia ema iha Lunda ne'ebá. Maibé artista sira iha responsabilidade boot ida ba edukasaun povu nian. Ho buat ne'ebé sira dehan ka hamosu no ho sira-nia ezemplu. No ida-ne'e maka ezemplu ne'ebé imi hatudu? Ha'u hakarak ó hanoin kona-ba buat ne'e, Lu. Buat ne'ebé bele sai hanesan halimar iha sidade, ne'ebé la iha konsekuénsia tan, sai importante paramate iha foho. Luanda tenke hahú hanoin ba nasaun tomak. Labele moris ba nia an de'it.

- Jaime halimar ho buat ne'e, maibé ha'u lae. Loron ida ha'u sei konta istória ne'e ba ó, nia pelumenus halo ita neon-taridu. Maibé ohin lae.

- Entaun ha'u konta ha'u-nian ba ó. Kuandu ha'u bá eskola, ha'u sei fiar buat hirak-ne'e hotu hanesan labarik kuvale baibain. Depois ha'u hahú estuda siénsia sira no ha'u komesa hetan resposta ba pergunta hirak ne'ebé uluk ha'u halo iha *onganda*, ne'ebé ema iha-ne'ebá toman esplika mai ha'u liuhosi forsa naturál sira ka fekit ka malisan ne'ebé ema la hatene. No resposta sira siénsia nian loloos duni. Ha'u interesa, ha'u kuriozu no ha'u estuda barak liu ema hotu. No beibeik-beibeik resposta sira sai loloos liu tan. Ha'u bá *Tchivinguiro*, ha'u só hakarak estuda atu bele hetan resposta ne'ebé klaru liu tan. No ha'u hetan duni. Fiar hirak-ne'e só serve atu halo ema sai atan. Tanba ne'e maka ha'u hakarak sai profesór. Atu liberta foin-sa'e sira ne'ebé tama iha-ne'ebá nakonu ho superstisaun ka fiar-bosok sira, tanba sira kuaze hotu-hotu mai husi foho. Ema-sidade ida-ne'ebé maka hakarak estuda agronomia ka pekuária? No ida-ne'e maka ha'u-nia serbisu. Hatudu katak se ita iha mentalidade sientífika karau sira sei aumenta liu tan no ema sei hetan sasán barak liu tan, sei moris di'ak liu tan. Ne'e maka ha'u-nia luta lorololoron. Nu'udar profesór dansa nian mós hanesan ne'e, hatudu katak ita tenke uza ita-nia lisan, maibé ho diresaun ba progresu, ba libertasaun ema sira-nian. Nune'e. Imajina katak Jaime halimardór bá ne'ebé hatudu ninia halimar. Nia sei sobu serbisu ne'e hotu. Ne'e justu?

- Ha'u konfuza loos. Konserteza la'ós justu se ema lasériu bá ne'ebá estraga imi-nia serbisu. Atu halimar de'it. Maibé ha'u sente ladún loos katak fiar hirak-ne'e halo ema sai atan…

- Ne'e fasil tebetebes atu haree ba ema ne'ebé moris tiha ona iha sosiedade hirak-ne'e. Podér tradisionál nia hun mak ne'e. Husi katuas sira ba foin-sa'e, husi mane sira ba feto sira, husi ideia antigu sira ba ideia foun sira. No ema nia haraik-an ba natureza. Ema sai kbiit-laek ba mudansa sira ne'ebé di'ak, tanba buat hotu-hotu la'o tuir anin sira ka *oma-kisi* [duruhui] sira-nia hakarak. Ema sai hanesan laimportante, nia hanesan brinkedu ba forsa superiór sira. Se ema laimportante, oinsá maka nia bele muda sosiedade no hadi'a lala'ok serbisu nian? Edukasaun de'it maka bele muda buat hirak-ne'e, maibé edukasaun ida ne'ebé tenkesér globál, kultura nian. Ne'e maka ami halo iha-ne'ebá.

- Kala ó loos duni.

- Ita tenke kaer metin ba hananu no dansa, no arte tradisionál sira seluk. Maibé presiza hamoos, halakon tiha fiar-bosok atrazadu.

- Ne'e signifika adulterasaun, katak halakon kultura ne'ebé tebes no hamosu kultura ne'ebé falsu ona, tanba kultura ne'e buat ida ne'ebé tomak.

- Hadi'a ka aperfeisoamentu hotu-hotu sempre adulterasaun ida. No la iha kultura ida ne'ebé para hela nafatin. Se bele hanesan ne'e duni karik, ne'e sei halo kontente ita-nia tradisionalista sira atu la lakon sira-nia privoléjiu.

- Kala hanesan ne'e.

- Ha'u la xateia tan ó. Tau múzika lai. Ó iha Vivaldi?

- Oinsá maka ó si'ik, Cândido?

- Ha'u matan-dook uitoan karik!

No sira na'in-rua hamnasa. Primeirus akordes husi *Quatro Estações* hakonu sala laran no Lu sente di'ak ho Cândido iha nia sorin. Kuvale materialista ida ne'ebé gosta Vivaldi. Arbiru de'it! Ha'u, nu'udar hakerek-na'in, sei nunka barani atu inventa personajen ida hanesan ne'e. Maibé ne'e majia husi ita-nia rain mitu nian iha Súl, ne'ebé halo mosu mane hanesan ne'e.

[1] ***NhT:*** *"Kuvale" ne'e naran husi etnia ida iha rai-Angola*

Os textos em tétum publicados no *Várzea de Letras* seguem a ortografia oficial de acordo com o Decreto do Governo nº 1/2004 de 14 de Abril